

## AVENTURAS E DESVENTURAS NOS SERTÕES DO BRASIL \*

Odilon Nogueira de MATOS

Em fins do século passado, precisamente em 1891, o Visconde de Taunay publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro uma memória intitulada **A cidade de Mato Grosso, o rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima**. Este trabalho, reunido a outros escritos inéditos deixados pelo autor e também referentes a Mato Grosso, foi reeditado pelo seu filho, o grande historiador Afonso de Taunay, com o belo título **A cidade do ouro e das ruínas**, publicado em São Paulo em 1923. Dos inúmeros livros do autor de **Inocência** versando sobre Mato Grosso este é o único que se refere particularmente à parte setentrional e central do grande Estado, pois todos os outros, motivados que foram pela Guerra do Paraguai, referem-se ao atualmente denominado Mato Grosso do Sul.

É sabido que no início de sua carreira, o futuro Visconde de Taunay, então tenente de Engenharia Alfredo d'Escragnole Taunay, integrou a expedição que sofreu os horrores da famosa retirada de Laguna, episódio que lhe forneceu assunto para seu livro mais conhecido, publicado originalmente em francês, em 1879. É sabido também que a chamada "Expedição de Laguna" passou por Campinas, aí se demorando dois meses à espera de ordens para seguir para a região da guerra, e que são muitas as referências à cidade nos escritos de Taunay. Aliás, lembremos também que seu primeiro romance, **A mocidade de Trajano**, publicado em 1870, tem como ambiente uma fazenda do município de Campinas. A propósito, parece-nos curioso lembrar que este romance não figurou no

---

(\*) Conferência lida na Academia Paulista de letras em 26 de outubro de 2000.

vasto programa de reedição das obras do Visconde de Taunay empreendido pelo seu filho Afonso entre 1919 e 1933, num total de 37 volumes, entre relatos de viagens, narrativas militares, estudos históricos, biografias, contos, romances e até peças de teatro. Dêvemos ao nosso saudoso confrade Lycurgo de Castro Santos Filho, quando presidente da Academia Paulista de Letras, a primeira reedição do livro, 113 anos depois da edição original.

Circunstância que não vemos motivo para mencionar com pormenores fez com que, em nossa casa, o nome do Visconde de Taunay fosse sempre muito respeitado e considerado, fazendo nosso pai questão que lêssemos todos os seus livros, a começar pelos relatos de viagens. Assim, títulos como **Paisagens brasileiras**, **Visões do sertão**, **Dias de Guerra e de sertão**, **Marcha das forças**, **Em Mato Grosso invadido**, a própria **Retirada da Laguna** e o romance **Inocência**, tornaram-se nos familiares, ainda mais que nossa adolescência coincidiu com a época em que tais livros vinham sendo publicados ou reeditados. Essa soma de leitura propiciou-nos tal motivação em torno de Mato Grosso, que, muitos anos depois, já homem feito e integrando quadro de geógrafos do Conselho Nacional de Geografia e da Associação dos Geógrafos Brasileiros, tivemos oportunidade de conhecer o território matogrossense, percorrendo-o em vários sentidos, foi como se já o houvéssemos conhecido de muito, tão familiares nos eram certos aspectos ou certos episódios de sua história.

Mas, voltemos ao livro que de início mencionamos: **A cidade do ouro e das ruínas**, o único livro “matogrossense” de Taunay não vinculado à Guerra do Paraguai. Por quê a “cidade do ouro e das ruínas”? Por quê o rio Guaporé? e qual teria sido sua “mais ilustre vítima”, a que se referia o título original? Para responder às três indagações, permitimo-nos pequeno retrospecto histórico, bem sintetizado para não molestar o nobre auditório.

Aos 3 de maio de 1748 foi criada a Capitania de Mato Grosso, tendo como primeiro governador (ou capitão-general, na linguagem da época) Antônio Rolim de Moura Tavares, Conde de Azambuja. Dois anos depois, portanto em 1750, o Tratado de Madrid, que se fundamentaria no princípio jurídico do “uti possidetis”, reconhecia como pertencente a Portugal a área então ocupada pela nova Capitania de Mato-Grosso. A

primitiva Cuiabá, local das primeiras atividades mineradoras da região, serviu provisoriamente de sede do governo do Conde de Azambuja, pois havia se determinado a construção de uma nova localidade para que os capitães-generais nela residissem. Fundou-se, assim, Vila Bela, às margens do rio Guaporé.

Tudo indica que o objetivo do Estado português foi estender seu domínio até as regiões mais próximas das ocupadas pelos castelhanos. Doutra forma não se compreenderia a localização da sede do governo em Vila Bela, pois, localizada, como se disse, às margens do Guaporé, que é um dos formadores do rio Madeira, só teria comunicação com o mundo pela bacia amazônica. E sabemos quanto eram (e ainda são) precárias as condições de povoamento na região do nosso grande rio-mar. Apesar dessas condições de isolamento, Vila Bela, chamada posteriormente cidade de Mato Grosso, foi a sede do governo da capitania até bem depois da Independência, quando a capital foi transferida para Cuiabá. Esta, situada às margens do rio do mesmo nome, um dos afluentes do Paraguai, por sua vez afluente do Paraná, vinculou-se à bacia do Prata, portanto de acesso bem mais fácil do que pela bacia amazônica. Eis um fator geográfico de decisiva influência.

No tempo em que foi capital, Vila Bela desenvolveu-se, tornou-se uma cidade rica. É a cidade “do ouro”, a que se referia Taunay ao titular o livro do pai; e a ela sucedeu a cidade “das ruínas”. O Visconde, todavia, não a conheceu. Sua descrição tem como base cronistas matogrossenses, merecedores, em sua opinião, de confiança. Mas, é preciso evitar certos exageros em cronistas coloniais: descrições que caberiam bem, provavelmente, em capitais do litoral - Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Maranhão, Belém do Pará - mas difícil de imaginar numa localidade situada - pode-se dizer - no centro geográfico da América do Sul e de acesso difícilíssimo. Não é fácil imaginar que na longínqua Vila Bela se tenham representado peças de Metastásio e de outros dramaturgos italianos do século XVIII e que até uma ópera de Mozart lá tenha sido encenada. Mas, se realmente houve essa fase de esplendor, durou pouco, pois a mudança da capital para Cuiabá implicou em sua decadência. Quanto ao palácio do governo ficou-nos uma descrição de um dos viajantes estrangeiros que por lá andaram e ao qual em breve faremos referência. Some-se a isso a situação pouco salubre do Guaporé,

as investidas freqüentes dos espanhóis e os amotinamentos dos índios e teremos o responsável pelo fim daquela que foi chamada a “cidade do ouro e das ruínas”.

Resta a última das indagações: quem teria sido a “mais ilustre vítima do Guaporé”, referida no título original do trabalho de Taunay. Foi nada menos que um seu tio, Amado Adriano Taunay, o mais jovem da família vinda para o Brasil com a chamada “Missão Artística de 1816”. Um parêntese nos ajudará a compreender melhor o enredo. A derrota de Napoleão em Waterloo, em 1815, criou em França uma situação um pouco difícil para os comprometidos com o regime bonapartista. Receosos do que lhes pudesse acontecer, muitos emigraram para os Estados Unidos, estabelecendo-se na Louisiana, onde já existia um núcleo de colonização francesa. Nicolau Antoine Taunay, pintor famoso, com quadros expostos em importantes museus da Europa, mas muito implicado com o regime bonapartista, preferiu vir para o Brasil, aceitando o convite do Conde da Barca, que se encontrava em França procurando artistas que se dispusessem a fundar, no Rio de Janeiro, uma Escola de Belas Artes. Não lhe foi difícil encontrar uma excelente equipe, incluindo Taunay, que veio praticamente com toda a sua família: seu irmão Augusto Maria e seus cinco filhos: Augusto Carlos, Hipólito, Félix Emílio, Teodoro e Amado Adriano, este com apenas treze anos de idade e a quem o destino reservaria trágico fim, afogado nas águas do rio Guaporé, em Vila Bela, em 1828, quando integrava a famosa Expedição Langsdorff, da qual em breve falaremos. Tornou-se, assim, como escreveu seu sobrinho “a mais ilustre vítima” do fatídico rio. Dotado de extraordinário temperamento artístico, mais talvez que os demais da família, mas também dotado de espírito aventureiro, dispôs-se, tendo apenas de quinze para dezesseis anos, a acompanhar o célebre geógrafo e explorador Freycinet em sua viagem de circunavegação, viagem assinalada por toda sorte de peripécias, inclusive um naufrágio nas Ilhas Malvinas, que quase custou a vida de toda a tripulação. Durou a viagem dois anos, findos os quais, retornou o jovem Taunay ao Rio de Janeiro.

Andava pela capital do país sem saber o que fazer (ou talvez à procura do que fazer), quando teve conhecimento, em 1825, dos preparativos da chamada Expedição Langsdorff, patrocinada pelo czar Alexandre I, da Rússia. Langsdorff, cônsul russo (embora alemão), conseguira reunir preciosa equipe de cientistas para aquela que seria a

maior e a mais completa expedição científica já enviada aos sertões do Brasil. Da equipe fazia parte João Maurício Rugendas, pintor de cenas e costumes. Não se sabe bem porquê, o pintor desentendeu-se com Langsdorff e desligou-se da equipe, preferindo viajar por conta própria. Bendito o momento em que assim agiu Rugendas. Doutra maneira certamente não teríamos um dos maiores monumentos da cultura brasileira do século XIX, qual a extraordinária **Malerischereise in Brasilien**, publicada em Paris, em 1835, e que constitui, como é sabido, notável documento para o conhecimento da vida brasileira daquela época. Suas numerosas estampas caíram até no domínio público, reproduzidas, juntamente com as de Debret, em quadros, livros, calendários, etc. Sua obra levou mais de cem anos para ser editada no Brasil, o que só ocorreu em 1940, por iniciativa dos saudosos Rubens Borba de Moraes e Sérgio Milliet.

Pôs-se o cônsul russo à procura de alguém para substituir o desenhista demissionário e quem se interessou pelo lugar foi o nosso jovem Amado Adriano Taunay. Foi a essa Expedição Langsdorff que também se incorporou, como segundo desenhista, outro francês que andava pelo Rio de Janeiro igualmente à procura do que fazer: Hercule Florence. É a primeira vez que surge em nosso panorama histórico uma das mais curiosas personalidades que tão bem ligou seu nome ao nosso país, particularmente a São Paulo e, mais ainda a Campinas, onde se radicou ao voltar da grande excursão ao Brasil central, aí constituindo família de dois matrimônios e aí vivendo até o fim de sua vida, em 1879. Essa fase campineira de Hércules Florence é bastante conhecida para que precise ser recordada. Desde o livro de Estevão Leão Bourroul, que data de 1900, até os nossos dias, poder-se-ia organizar uma imensa bibliografia florenciana, na qual até aquele que vos fala figuraria com vários trabalhos. Recordemo-lo, nesta noite, apenas como membro da Expedição Langsdorff, da qual foi um dos poucos sobreviventes e a quem, por sorte, coube a missão de redigir o único relato que se conhece da malograda viagem.

A Expedição Langsdorff seguiu a rota tradicional das monções. Poderia ter preferido a via platina, mas a Guerra da Cisplatina provavelmente constituísse impecilho. Assim, não restou outro caminho senão aquele dos primeiros descobridores do ouro em Mato Grosso no século XVIII. Vinha-se até Porto Feliz, onde tinha início a navegação do

Tietê; seguia-se por este rio até sua foz no Paraná; descia-se este grande rio até encontrar algum dos afluentes de sua margem direita, já em território matogrossense; subia-se por esse afluente até onde fosse possível e depois - a fase mais difícil da viagem - transpunha-se o que se chamava “varadouro”, isto é, o trecho de terra que precisava ser “varado” à sirga, ou seja a pé, puxando os enormes batelões, até que se encontrasse algum afluente do Paraguai, por onde se prosseguiria a viagem. A procura de um “varadouro” mais curto foi sempre a principal preocupação dos monçoeiros: era necessário que se encontrassem rios mais extensos, fixando-se afinal do Rio Pardo. Pelo Paraguai e pelos seus afluentes São Lourenço e Cuiabá, subindo-os, alcançava-se a região mineradora. Episódio verdadeiramente cinematográfico de nossa História, este das monções. Fosse nos Estados Unidos certamente já teriam os americanos feito numerosos filmes sobre o episódio. Em nosso país, o único local onde o evento costuma ser lembrado é a própria Porto Feliz, onde anualmente uma semana é dedicada à sua evocação, com festejos e conferências. Mas é pouco para um episódio tão grandioso e significativo.

Em Porto Feliz, foram os expedicionários obrigados a uma considerável demora para os aprestos da longa viagem. Permanência tão grande numa pequena cidade, deu até para Hércules Florence enamorar-se de uma jovem da localidade, com a qual veio a se casar ao retornar da viagem. Era a filha única de Álvares Machado, então médico em Porto Feliz e que se tornaria em breve uma das figuras mais expressivas da vida política de São Paulo e de outros lugares, pois chegou a ser presidente da província do Rio Grande do Sul.

Afinal, a 22 de junho de 1826 deu-se a partida de Porto Feliz da expedição chefiada por Langsdorff, cujo batelão, no depoimento de um cronista, ostentava o pavilhão da Rússia Imperial. A grande excursão estendeu-se pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, num percurso de 530 léguas ou seja bem mais de 3.000 quilômetros, em período que se desdobrou até 30 de janeiro de 1827, o que vale dizer mais de seis meses.

Ocorreram algumas alterações no quatro de integrantes escolhidos no Rio de Janeiro por Langsdorff. Já mencionamos a desistência de Rugendas, antes mesmo de ter início a jornada. Em Porto Feliz verificou-se a desistência do zoólogo Christian Hasse. Este, por uma

fatalidade, ou que outro nome tenha, veio a se enamorar da mesma jovem por quem se interessara Hércules Florence e cuja corte ela aceitara com apoio integral de seus pais. Sendo preterido na sua proposta, e não se conformando, Hasse teimou em permanecer em Porto Feliz na esperança de ter algum acolhimento por parte da jovem, o que não ocorreu, pois esta, consultada pelo pai quanto aos seus sentimentos, respondia sempre que só se casaria com o “Senhor Florêncio” e, para isso, aguardaria o seu regresso. E foi o que efetivamente aconteceu. Consta que o naturalista, não se conformando com o desfecho de seu caso sentimental, teria posto termo à existência. Alguns cronistas contestam essa versão do suicídio. Mas, o fato é que a expedição partiu com um integrante a menos. Seus principais componentes passaram a ser, pois, Florence, Riedel, Rubzoff, Taunay, sob a chefia de Langsdorff e com numerosos auxiliares, quase todos recrutados em Porto Feliz.

Da capital da província, onde chegaram a 30 de janeiro de 1827, executadas várias digressões pelo território dessa extensa região, os expedicionários reiniciaram viagem no dia 5 de dezembro do mesmo ano de 1827, com destino ao Pará, divididos em dois grupos: Langsdorff, Rubzoff e Florence navegaram os rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós, enquanto Riedel e Taunay deveriam seguir pelo Guaporé, Mamoré e Madeira. Por uma fatalidade, foi numa das passagens do Guaporé que o jovem Taunay encontrou a morte no dia 5 de janeiro de 1828. Como dissemos, Hércules Florence não se encontrava com ele; apenas Riedel. Mas Hércules registrou em seu diário, no dia 14 de fevereiro: “Dia nefasto, dia marcado pela mais cruel notícia. Comunicou-nos uma carta do sr. Riedel que o sr. Taunay se afogara no rio Guaporé, em Vila Bela. Encheu-nos de consternação esta desgraça. Diversos habitantes da cidade vieram dar-nos os pêsames. Este moço, dotado de brilhantes disposições para a pintura e membro de distintíssima família, tinha por certo, diante de si, auspiciosa carreira. Prematura morte arrebatou-o, porém, aos vinte e cinco anos, às belas artes e à família, cuja dor deve ser imensa. Na qualidade de desenhista de nossa comissão remetra para São Petersburgo perto de cem desenhos, ficando mais 130 em minhas mãos para serem coordenados. E acrescentou Hércules Florence, completando a notícia: “A fim de não avivar sofrimentos amortecidos pelo tempo e resignação, deixo de aqui transcrever a carta do sr. Riedel, cheia de dolorosos pormenores”. Mas, reescrevendo seu diário, vinte anos mais tarde,

quando já radicado em Campinas, Hércules Florence julgou oportuno incluir a carta de Riedel, repleta, de fato, de “dolorosos pormenores”. Nem podemos sequer citar o passo da nova versão do diário de Hércules em que ela figura simplesmente porque a edição deste novo texto foi tão mal feita que as páginas nem foram numeradas... Mas, encontra-se no tópico relativo ao dia 14 de janeiro de 1828.

Em **A cidade do ouro e das ruínas** encontram-se duas cartas de Riedel à família Taunay, no Rio de Janeiro, narrando a triste ocorrência. A primeira, escrita a 10 de janeiro, bastante rápida, endereçada aos irmãos da vítima, diz: “Messieurs. J’ai perdu un ami, qui m’était bien cher et, vous, Messieurs, vous avez perdu un frère. Il n’est plus de ce monde. Le 5 janvier, à midi, il a plu à Dieu d’appeler son âme à Lui. La funeste rivière Guaporé a été sa tombe. Il n’a paru que le 7, au matin. Le même jour, il a été inhumé dans l’église de Santo Antônio, près du port, agréablement située au milieu d’une plantation d’orangers. Le corps a été accompagné des magistrats et autres personnes distinguées. Le lendemain, le 8 janvier, ont fait ses funérailles avec la pompe due à sa famille et à sa personne. Adieu, jusqu’au courrier prochain; mes idées seront moins troublées”. De fato, três meses depois, a 10 de março, cumpriu a promessa, escrevendo extensa carta, que ocupa quase três páginas do livro, na qual relatou com pormenores o trágico acidente e deu algumas notícias das explorações que ambos - Riedel e Taunay - andaram realizando nas imediações de Vila Bela.

Do próprio Adriano há, no livro, duas cartas muito bonitas, a última das quais datada de 20 de dezembro de 1827, portanto quinze dias apenas antes de sua morte. Nela, dizia que estava escrevendo de uma das salas do palácio abandonado dos antigos governadores de Mato Grosso, “de ces salles immenses qui ont été témoins des fêtes d’une cour si assidues auprès des dépositaires de l’autorité royale, et qui maintenant silencieuses ne répètent que le sourd murmure de l’insecte qui en rouge le bois, que le bruit de pas du curieux qui parcourt leur enceinte. Tout est resté dans le même état, depuis que le siège du gouvernement a été transporté à Cuyabá; l’ameublement, les peintures, les armoires, les bureaux; tout est resté. Les cours sont remplis d’herbes: ont voit partout les marques destructives de l’abandon et le combat des choses existantes contre le temps. Tout reproduit l’image de la mort”. E continuava

descrevendo com pormenores o palácio dos capitães-generais. São as “ruínas” da cidade que fora do “ouro”...

Podemos imaginar a dor dos irmãos ao receberem, no Rio de Janeiro, a fatal notícia. O velho Taunay, o pai, havia se retirado para a França alguns anos antes e houve todo o cuidado em transmitir-lhe a notícia da morte do filho caçula. Seus dois irmãos, Teodoro e Félix Emílio (este viria a ser o pai do Visconde de Taunay), dados às musas, escreveram belíssimas odes em memória do jovem Amado Adriano, duas das quais encontram-se no livro a que, desde o início vimos nos referindo.

Quando da tragédia do rio Guaporé que custou a vida ao jovem desenhista, conforme narramos, já eram bem precárias as condições de saúde de Langsdorff, que chegou a perder completamente a razão. Assim, preferiu reunir seus companheiros em Belém e dar por encerrado o grandioso plano de exploração geográfica do centro-oeste brasileiro. Diversos outros naturalistas tiveram problemas sérios de saúde, impossibilitados de qualquer trabalho, como Riedel e Rubzoff. Hércules Florence foi, de fato, o único a sair ileso da mal-fadada expedição, retornando ao Rio de Janeiro em março de 1828. Langsdorff, transportado para a Europa, faleceu internado num hospital de Friburgo aos 29 de junho de 1852.

Assim que chegou ao Rio, tratou logo Hércules Florence de procurar Felix Emílio Taunay, não só para comentar a triste ocorrência do falecimento de seu irmão mais novo, mas, também, para confiar-lhe a guarda do relato que redigira da grande jornada que vinha de empreender nos sertões do Brasil. Félix Emílio era um dos integrantes da família Taunay que viera para o Brasil no tempo de D. João VI e em nosso país viveu até o final de sua vida, em 1881. Consorciou-se com a filha do Conde d’Escragnoille, cônsul francês, dando origem à família Escragnoille-Taunay, sobrenome pela primeira vez utilizado por seu filho Alfredo (futuro Visconde de Taunay), que entretanto só nasceria em 1843.

Ponto que nunca vimos esclarecido - e certamente jamais o será - é a razão de haver Hércules Florence confiado a Félix Emílio o relatório de sua viagem. A verdade é que Félix Emílio não lhe deu a menor atenção, pois o texto florenciano permaneceu perdido por mais de quarenta anos! Isto destoa completamente da imagem que nos ficou do pintor francês, apontado sempre como homem de grande iniciativa,

interessado em coisas de cultura, pois além de artista, era também renomado humanista. Foi professor de D. Pedro II, o que explica a grande ligação entre os Taunay e a família do segundo Imperador. Como artista, cuidou de projetos urbanísticos e instituiu no Rio de Janeiro o hábito de exposições regulares de pintura. Pertenceu ao Instituto Histórico Brasileiro, na época a mais renomada entidade cultural da capital do Império. Alcançou a bela idade de 86 anos sempre com intensa participação na vida da cidade. Inadmissível que figura de tal envergadura omitisse ou perdesse o relato da expedição de que fizera parte seu irmão caçula.

Em 1865 - quase quarenta anos depois - passa por Campinas, integrando o corpo expedicionário que se destinava ao sul de Mato Grosso, um jovem de pouco mais de vinte anos, filho de Félix Emílio, e que viria a ser o futuro Visconde de Taunay. Nos dois meses que passou na cidade, o jovem oficial de Engenharia teve oportunidade de encontrar-se com Hércules Florence, onde passou a viver depois de seu casamento com a filha de Álvares Machado, já sexagenário, mas em plena atividade, dando asas ao seu espírito inventivo, do qual muito se beneficiou a tipografia e a fotografia, como é sabido. E também como próspero fazendeiro no município.

Podemos imaginar - embora não haja nenhum escrito a respeito - a emoção que deve ter dominado o jovem Taunay ao encontrar-se com o velho amigo e companheiro de seu malogrado tio, aquele que perecera afogado no rio Guaporé. Como devem ter conversado sobre o assunto! E certamente Hércules Florence lhe contou que havia deixado em sua casa, no Rio de Janeiro, o relato da grande jornada que empreendera pelos sertões do Brasil, da qual o jovem Alfredo pouco ou talvez nada soubesse. Foi pena o jovem militar não ter sido mais minucioso acerca de Hércules Florence nas vinte e duas cartas que escreveu nos dois meses que passou em Campinas. Não nos esqueçamos, contudo, que Taunay era um jovem de pouco mais de vinte anos, certamente muito mais interessado nos bailes que a sociedade campineira, a todo instante, proporcionava aos expedicionários, tornando-lhes uma delícia a vida na cidade. “Temos tido a melhor impressão de Campinas”, “Temos sido tratados pelos campineiros com a mais viva cordialidade”, “Em Campinas reina uma comunicabilidade extraordinária”, “As moças e as senhoras daqui são muito mais amáveis, conversam animadamente, já tivemos convites para diversos

bailes e saraus”, “Tudo faz crer que de nossa permanência em Campinas nos ficarão as mais agradáveis recordações, tão bem tratados temos sido, fidalgamente mesmo” são frases que ocorrem nas suas cartas campineiras, escritas entre 15 de abril e 18 de junho de 1865. Mas, além desse lado fútil, mas significativo, contém informações sobre o desenvolvimento da cidade, sua produção agrícola, o aspecto de suas ruas, a futura catedral, ainda em construção, suas perspectivas futuras, etc. Já fizemos referência ao fato de ter sido numa fazenda de Campinas que Taunay encontrou o cenário para seu primeiro romance, **A mocidade de Trajano**. Estranho, contudo, que tão pouco relate do que certamente teria ouvido de Hércules Florence. Enfim, nada a acrescentar a este episódio.

O que interessa - isto sim - é que, regressando das operações da guerra, dedicou-se Taunay a traduzir e publicar o relato de Hércules Florence, que continuava perdido na casa paterna. Confessa que foi por ocasião de uma mudança de casa, ao separar os trastes que deveriam ser jogados fora, que o texto florenciano foi encontrado. Por um triz talvez tivesse ficado irremediavelmente perdido.

Ao perceber que se tratava do relato de Hércules Florence, apressou-se em escrever-lhe pedindo autorização para traduzi-lo e publicá-lo. Ainda bem que o fato de ter ficado perdido por mais de quarenta anos não o danificou. Apenas, segundo Taunay, estava “um tanto apagado, mas ainda perfeitamente intelegível”, o que pode ser considerado um verdadeiro milagre, pois numa região quente e úmida, como em geral as cidades do litoral brasileiro, a danificação dos papéis é muito mais freqüente que nas regiões de clima temperado e frio. Sem contar a proliferação incrível dos insetos papirófagos...

Das cartas escritas por Taunay a Hércules Florence, e que se encontram reproduzidas no livro de Estevão Leão Bourroul, ao qual já temos feito referência, depreende-se não só que Taunay sabia da nova versão dada por Florence ao seu relato, como também percebe-se que ele, Taunay, estava como que á espera de que o autor, já radicado em Campinas havia mais de trinta anos, cuidasse de publicar essa nova versão sabidamente mais completa que a original que ficara em casa dos Taunay, no Rio de Janeiro. Aconteceu, entretanto que essa nova versão permaneceu inédita por... quase cento e trinta anos, pois só em 1977 veio a ser publicada pelo Museu de Arte, de São Paulo.

Diante disso, cuidou Taunay de publicar o texto que possuía. O local que achou mais adequado para o fazer foi a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, na qual apareceu em dois tomos (36 e 37), correspondentes aos anos de 1875 e 1876. Para esta publicação, Taunay escreveu extenso prefácio, que continuou sendo reproduzido em edições subseqüentes. Taunay deu ao relato o mesmo título que constava do original do autor: **Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829, escrito em original francês pelo segundo desenhista da comissão científica Hércules Florence**. Esta tradução de Taunay (“incomparável tradução”, como a classificou um dos descendentes do autor), embora de um texto hoje sabidamente incompleto, constituiu uma referência na bibliografia florenciana e, com base nela, mais quatro edições foram feitas.

O fato de ter sido publicado numa revista especializada e de circulação restrita, não propiciou ao relato de Hércules Florence cair no conhecimento do público. E, infelizmente, durante quase setenta anos, não ocorreu a nenhum editor tirar em livro o precioso relato. Foi preciso esperar até 1941 para que tal acontecesse. É justo, entretanto, que se consigne que Afonso de Taunay, quando diretor do Museu Paulista, publicou na revista da instituição que dirigia, em 1928, a primeira parte do texto florenciano, sob o título **De Porto Feliz a Cuibá**. Não sabemos porque Taunay não publicou o texto integral, uma vez que ele próprio reconhecia já naquela época achar-se o relato de Florence fora do alcance do público pela raridade da revista em que fora originalmente publicado.

Isto posto, só em 1941 a obra de Hércules Florence veio a ser conhecido público com a excelente edição Melhoramentos, que reproduz integralmente a edição da “Revista” do Instituto, trazendo, ainda, prefácios de Afonso de Taunay e de Ataliba Florence, este, filho de Hércules, que não chegou a ver o livro publicado por ter falecido pouco antes. Reproduz o volume mais de uma centena de ilustrações do próprio autor. Bela edição para os padrões gráficos da época, recebeu como título **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas**, dado pelo próprio autor para a nova versão do diário. Esta edição Melhoramentos mereceu duas reedições em 1948 e em 1977, porém esta última não mais pela Melhoramentos, mas pela Cultrix, em convênio com a Universidade de São Paulo.

Quanto à segunda versão, já foi dito que só em 1977 veio a público, em tradução de Francisco Álvares Machado e Vasconcelos Florence, trineto do autor, com anotações de diversos estudiosos, entre os quais nosso saudoso confrade Lycurgo de Castro Santos Filho. Não se trata simplesmente de uma nova versão, mas de um texto realmente novo, se compararmos com o divulgado pelo Visconde de Taunay. Daí, termos dito de certa feita, que Hércules Florence pode figurar duas vezes em nossa literatura de viagens, o que, bibliograficamente, tem muito interesse. Diríamos que os textos se completam, pois se muita coisa foi acrescentada, outras foram retiradas e a própria ordenação da matéria atendeu a critério diferente. Lamenta-se, apenas, como já o dissemos, que embora profusamente ilustrada e enriquecida com tantas anotações, seja esta edição tão mal cuidada, pois suas páginas, em número de quase duzentas, nem foram numeradas...

Tenhamos em conta que Hércules Florence não era naturalista, não se dedicando a nenhuma das muitas especialidades de chamada “história natural”. Participou da excursão na qualidade de desenhista e a este respeito nada a exigir além do que ele fez. Suas estampas, em número de 114, que enriquecem seu relato, abrangem cenas, paisagens e tipos humanos e são realmente preciosas como preciosas são as descrições de tudo quanto lhe chamava a atenção na viagem, viagem que ele próprio, encerrando seu diário, considerou “penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação”. Não foi sem propósito que Afonso de Taunay considerou-o “patriarca da iconografia paulista”.

E assim chegamos também ao fim desta já bem longa palestra, com a qual pretendemos mostrar o quanto as viagens pelo Brasil de outrora implicavam em “aventuras” e “desventuras”, quase sempre mais desventuras. Encerraremos informando que atualmente Hércules Florence, sem negar o mérito de seu valioso relato, não é mais a única fonte para o conhecimento da Expedição Langsdorff. A partir de meados deste século surgiu, a começar pela antiga União Soviética um enorme interesse pelo assunto e diversos livros têm aparecido no Brasil e em outros países enriquecendo a bibliografia respectiva. Possuímos atualmente não só o catálogo completo de todo o material enviado por Langsdorff para São Petersburgo, como o próprio diário do chefe da expedição, em três alentados volumes. Podemos, assim, afirmar que há um inusitado interesse

em torno do assunto, a ponto de ser se fundado no Brasil, em convênio com entidades culturais russas, uma “Associação Internacional de Estudos Langsdorff”, para a qual fomos convidados, representando a Universidade em que trabalhamos. Estamos cuidando dessa bibliografia mais recente e esperamos em breve apresentar o resultado de nosso trabalho.